

ENTREVISTA COM O PROFESSOR MÁRIO RUBENS GUIMARÃES MONTENEGRO¹

Formado pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo em 1946, Montenegro, como docente daquela instituição, desenvolveu sua carreira acadêmica junto ao Departamento de Anatomia Patológica. Foi um dos principais nomes da pesquisa e ensino na disciplina de Patologia, no Brasil. Sua vida acadêmica teve seqüência em Botucatu tendo participado, em 1962 do processo de criação e instalação da Faculdade de Medicina de Botucatu. Em Botucatu, o professor Montenegro foi agraciado com a distinção de professor emérito. Esta entrevista contém um depoimento sobre sua visão a respeito da criação da UNESP e sua repercussão para a Faculdade de Ciências Médicas de Botucatu.

¹ Efetuada por Isaura M. Accioli Nobre Bretan, em Botucatu, em 16 de julho de 2001.
CEDEM – Projeto Memória da Universidade.[Doravante: entrevistado - MM; entrevistadora -IB.]

Mário Montenegro – Participei do início da Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu. Nessa época, havia um órgão do Conselho Universitário da USP que era responsável pelas escolas isoladas, escolas superiores isoladas do interior, e esse Conselho participou e sugeriu a criação dessa Faculdade, velha Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas que, na verdade, foi criada, como quase tudo no Brasil, por razões políticas. Naquela ocasião, ví-me envolvido por ser assessor do Conselho, contra a minha vontade, porque era um patologista que queria ficar fazendo patologia, mas na época, o meu ponto de vista, que passei aos colegas, aos companheiros que trabalharam com a questão, era de que nós devíamos seguir, em São Paulo, o exemplo da universidade da Califórnia, uma universidade *multicampi*, e cada campus com uma grande autonomia, que seria assim: USP São Paulo; USP Campinas; USP Ribeirão Preto; e USP Botucatu, e que haveria, claro, um Conselho Superior dessa instituição, mas cada um dos campus teria uma liberdade

muito grande de ação. Evidentemente, esse conceito não passou, em parte porque havia muito interesse na criação dessa Faculdade; então, saiu a Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu. Essa Faculdade foi um sucesso; no princípio lutou-se com enormes dificuldades, porque foi criada por razões políticas e os políticos que a criaram perderam o poder, assumiram políticos que tinham muito pouco interesse por ela e foi muito difícil fazer que ela saísse do chão. Creio que todo mundo sabe, foram os alunos da Faculdade que desempenharam um papel muito bom, muito grande nesta saída da Faculdade daquela situação precária em que estava, para se transformar numa instituição de bom nível.

Esta instituição era eminentemente democrática, os docentes, os funcionários, os alunos participaram da criação de seu estatuto, foi uma época extremamente bonita, extremamente agradável, em que se criou, se discutiu detalhadamente como deveria ser essa faculdade e, a custa disso, essa faculdade cresceu

de uma forma muito importante. Sempre digo que aos dez, doze anos depois de ela ter sido criada, os professores desta instituição produziram 8% de todos os trabalhos que foram apresentados à reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em 1976. Era então um sucesso e aí, por razões políticas, mais uma vez, se resolveu criar a UNESP.

A criação da UNESP foi imposta aos Institutos Isolados. Os Institutos Isolados cada um com sua história, uns mais avançados, outros menos avançados, eram instituições sérias que trabalhavam com vontade e que vinham realmente atendendo a idéia que os criou, que era colocar no interior, faculdades, escolas de ensino superior de nível bom, para que seus egressos ficassem no interior, porque até então só havia escolas de ensino superior na capital. Os alunos iam, estudavam lá e não voltavam; a idéia de criar os Institutos Isolados era essa, que os alunos se quedassem nos locais onde haviam estudado, melhorando a cultura, a tecnologia etc., de todo

o interior do Estado. Alguns institutos eram ótimos, eram institutos de grande responsabilidade, que formavam muito bem, que tiveram excelentes iniciadores. Por exemplo, Antonio Candido, em Assis, o próprio Ademar Freire Maia, em Marília, excelentes professores que fizeram desses Institutos, que ainda estavam crescendo, importantes instituições para o desenvolvimento do nosso Estado. Às vezes, como sou velho, posso dizer o que penso, essa universidade foi criada para que o Luiz Martins virasse reitor – é um homem muito inteligente, meu amigo, e fez muitas coisas boas, inclusive a faculdade de Bauru, ele teve um papel importante na Odontologia de Bauru – mas o Luiz Martins queria ser reitor, e ele não tinha chance na USP, então ele criou uma universidade para ser reitor, essa é que é a realidade.

A idéia de criar a universidade multicampi, não é a USP com diferentes campus, ela não passou, então, surgiu uma, que acho legítima, de reunir os diferentes Institutos Isolados em uma univer-

sidade *multicampi*, foi o que aconteceu; só que, quando ela foi instituída, era a época do domínio dos militares, daquela famosa maldita revolução, e isto, as idéias da revolução é que dominaram a criação da UNESP, então, foi criada uma universidade em que o poder central estava na mão do reitor. O reitor escolhia os diretores, os diretores escolhiam os chefes de departamento, era absolutamente centralizada em São Paulo. Isso causou uma enorme revolta dos Institutos Isolados, a maior parte deles, não que se opusessem à criação da UNESP, opuseram-se à criação de uma Universidade com estatuto que parecia uma regra de estação de ferro, uma coisa assim, quer dizer, é proibido cuspir no chão, só faltava isso nesse estatuto, era um estatuto absolutamente horrível, e que mantinha o poder nas mãos do reitor, que era designado pelo governador, e ele designava os diretores que designavam os chefes de departamento; na realidade, não havia representatividade do corpo das unidades, na sua administração, isso era péssimo, e os Institutos mais evoluídos tiveram uma

reação muito grande, inclusive, fizeram-se coisas muito ruins, por exemplo, nós tínhamos aqui na Faculdade de Ciências Médicas, um departamento de Educação, de Pedagogia, o objetivo quando se criou isso – eu participei muito ativamente disso – era que esse Instituto, esse departamento fosse voltado ao ensino na universidade, a maior parte da Pedagogia, da educação no Brasil estava voltada para educação primária, para educação secundária, pouquíssima coisa havia em relação à educação superior. No nosso departamento, o objetivo principal era a criação de condições de ensino superior, a pesquisa desse departamento seria o ensino superior na nossa Faculdade; e o que que a universidade fez? Tirou o departamento da Educação de Botucatu. Da mesma forma, professores foram deslocados para outros *campi*, eles tinham criado suas vidas, tinham suas casas, suas famílias, seus filhos na escola, foram tirados de um lugar para outro sem nenhuma lógica, a lógica era a cabeça do reitor, que é um homem inteligente, sem dúvida nenhuma, mas que na ocasião, ele, como

todos aqueles que tinham poder no Brasil, estava eminentemente aderido à idéia dos militares, do poder central e tudo o resto não interessava, todo camarada que fosse contra o poder central era comunista, subversivo, ia preso, matavam etc.

A idéia de criar uma universidade *multicampi* é lógica, correta, acredito que seria inevitável; o problema na criação da UNESP foi a forma pela qual essa universidade foi criada, ela foi criada de cima para baixo, contra os interesses da maioria das pessoas que nela trabalhava e, freqüentemente, causando prejuízos muito grandes aos programas, àquilo que as pessoas tinham programado para que seus Institutos fossem. Ou seja, há um Instituto de Química, ele está querendo este caminho, ele fez o seu caminho, ele propôs o seu caminho e vinha caminhando no sentido de obter, de chegar ao sucesso, através do seu caminho; “ Não, não é mais você que manda, quem manda sou eu aqui em São Paulo,” que não sou químico.

Essa história foi muito ruim, criou

problemas horrorosos, foram coisas muito ruins que aconteceram, e que nos primeiros anos prejudicaram muito o desenvolvimento da Universidade. A nossa escola de Medicina, por exemplo, sofreu uma parada, porque ela tinha idéias que foram abandonadas. Nós, por exemplo, tínhamos a idéia de departamentos grandes que fossem voltados para a especialidade e não necessariamente para a profissão; por exemplo, tratamento de cirurgia, faz cirurgia, cirurgia de gente, cirurgia de bicho; o departamento de patologia, patologia humana, patologia veterinária, eu queria de todo jeito que tivesse também a patologia das plantas, só que os agrônomos resistiram, mas eram só os professores; os alunos da veterinária e os alunos do departamento de patologia da Faculdade, achavam certo, isso era uma idéia nova que causou, trouxe resultados excelentes, tanto que hoje o departamento de cirurgia da Faculdade de Veterinária de Botucatu é um dos melhores do Brasil, porque os seus primeiros professores foram treinados junto com os médicos, não é que os médicos

sejam melhores que os veterinários, mas é que a cirurgia humana era mais desenvolvida que a cirurgia veterinária, hoje à custa desta influência, a veterinária de Botucatu, a cirurgia veterinária de Botucatu é tão boa quanto a cirurgia humana, e é a melhor, provavelmente a melhor do Brasil. Então, esse fato, essa idéia de que a gente devia trabalhar junto, foi podada completamente, criaram-se departamentos que não foram, que não saíram do desejo dos seus membros e que foram impostos pelo pessoal de São Paulo, e isso foi muito ruim. Então essa primeira fase foi, do meu ponto de vista, a criação de uma coisa contra os interesses daqueles que iam trabalhar nela, sempre é ruim, não pode ser bom, a não ser que eles fossem uns idiotas, mas não era verdade, o nosso pessoal era muito bom. Criada a Universidade, surgiram problemas, que aqui referi, mas, aos poucos, quando foi feito o regimento da Universidade, que teve uma participação maior do corpo docente dos Institutos, e quando cada Faculdade fez o seu, as coisas caminharam como deveriam ser, quer dizer, as escolas

passaram, se dissociaram departamentos, mas as escolas continuaram. Copiou-se o sistema USP – a nossa idéia era uma faculdade que produzisse vários cursos e que tivesse corpos docentes compatíveis e corpos docentes até entrosados no ensino –, criaram-se, então, a Faculdade de Medicina, Faculdade Veterinária e o Instituto de Biologia, isto é, aquilo que tinha na USP; não havia nenhuma originalidade nisso, e o que nós tínhamos proposto era o original. O princípio, portanto, foi muito ruim, muito traumático, uma porção de gente ficou desesperada. Depois os anos passaram e, hoje, a UNESP é aquilo que deveria ter sido desde o princípio, é uma Universidade *multicampi*, em que todos são representados, o ponto de vista de cada um dos docentes é ouvido, a Universidade é composta de um Conselho Universitário coerente, um conselho universitário legítimo e, hoje, ela é um sucesso, e acredito que realmente ninguém esperava que ela fosse o sucesso que ela é; há vários núcleos dos *campi* dessa Universidade que são dos melhores do Brasil, e a gente então fica muito

contente com isso, mas sofreu-se muito no momento de sua instalação, que foi uma coisa feita na marra de cima pra baixo, sem ouvir os interessados.

Isaura Bretan – *Eu só queria lhe perguntar uma coisa, Professor: com a criação da UNESP, quais são as transformações que o senhor vê na Faculdade de Medicina?*

MM – Bom, aconteceu uma coisa que foi complicada. Inicialmente, os cursos básicos da Faculdade de Medicina eram ligados diretamente à faculdade. Quando a Faculdade de Medicina começou a funcionar, os dois primeiros anos eram no Instituto de Biociências. Isto não era bom, porque na realidade a maior parte dos professores dos cursos básicos não é nem médica, nem veterinária, nem agrônoma, nem da agronomia, então, eles não têm idéia do que seja o curso de agronomia, o curso veterinário, o curso de medicina, eles são bioquímicos, farmacologistas, biólogos que trabalham com genética, e no departamento de ge-

nética só têm um médico; o departamento de morfologia não tem nenhum médico; o departamento de fisiologia tinha um médico, então houve uma dissociação muito grande do ensino de ciências básicas em relação ao ensino profissionalizante e isso foi um defeito muito grande que permanece. Todo mundo se dá muito bem, tal, muito bonitinho, mas, na realidade, os alunos sofrem, porque aquilo que é ensinado nos departamentos básicos pouco tem a ver com aquilo que eles vão fazer nos cursos profissionais, não é exagero, pouco tem a ver, mas poderia ser melhor se em cada um dos departamentos básicos houvesse médicos, veterinários, agrônomos, em quantidade que pudesse influir no programa, isso seria muito melhor, e é isso que a gente queria quando começou a Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas.

IB – *O Instituto de Biociências, que se cria, que surge com a UNESP, até hoje ele permanece com a mesma estrutura com que foi criado. Como se explica a criação desse Instituto, dessa forma?*

MM – Na marra, na marra, na realidade nós queríamos fugir dos ‘uspianos’, da USP. Na USP, antigamente, a Faculdade de Medicina tinha os seus departamentos de ciência básica, a Faculdade de Veterinária, tinha os departamentos de ciência básica; e a Agronomia sempre teve, porque ela estava lá longe; também a faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, tinha seus departamentos de ciências básicas. Então, com a reforma se separaram, a Medicina ficou lá em Pinheiros, os departamentos de ciência básica ficaram lá na Cidade Universitária; na Universidade Federal de Minas Gerais, o mesmo aconteceu, a faculdade de Medicina ficou no centro da cidade e o departamento de ciência básica lá na Pampulha. Isso é muito ruim, e nós não queríamos que isso acontecesse, nós éramos favoráveis a que os nossos colegas geneticistas, botânicos, fisiólogos etc. trabalhassem conosco, com aquela idéia do departamento de educação, orientando o ensino; esse departamento deveria fazer integração entre aqueles, os diferentes especialistas e isso não aconteceu,

quer dizer, então nós voltamos para trás, voltamos no sistema uspiano, que era o sistema brasileiro, porque os indivíduos que estavam lá em cima, e que tomavam as decisões, eram indivíduos retrógrados, eles não puderam entender que é muito mais importante que a gente tivesse o departamento de fisiologia ligado às faculdades do que dissociado das faculdades.

IB – *Obrigada.*